

# Químico da **Unicamp** contesta laudo da Fiocruz

Estudo sobre remédio chinês volta a opor Boldrini e Ministério da Saúde PÁGINA 05

SAÚDE III MEDICAMENTO CHINÊS

# Perito contesta laudo feito pela Fiocruz

Químico da **Unicamp** usa o termo 'enganoso' para se referir a documento enviado por ministério

Rafaela Dias  
DA AGENCIA ANHANGUERA  
rafaela.dias@rac.com.br

O Instituto de Química da **Unicamp** analisou o relatório feito pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) sobre o uso da medicação chinesa para o tratamento de leucemia no Brasil. O documento enviado pelo Ministério da Saúde na última sexta-feira, que comprova a ação do medicamento adquirido pela pasta contra o câncer infantil e que afirma também não existir contaminantes que podem causar danos aos pacientes, já havia sido contestado pela presidente do Boldrini, Sílvia Brandalise.

## Relatório amplia a crise entre o Boldrini e o governo federal

A análise foi feita no sábado pelo diretor do Instituto, Fabio Cesar Gozzo. O termo "enganoso" foi usado diversas vezes pelo especialista no relatório, contestando o método utilizado para a análise, que não permite, segundo o ele, fazer qualquer tipo de identificação ou comparação.

O professor preferiu não se manifestar sobre o documento, mas ele foi comentado pela diretora do Boldrini. "É importante destacar quantas vezes o especialista cita o termo engano-

so e o quanto é preocupante a falta de identificação dessas proteínas. A pesquisa feita pelo Laboratório Nacional de Biociência (LNBio) foi capaz de nomear cada uma. Só podemos reafirmar o quanto a metodologia é imprecisa. Quimicamente falando, não existe meio termo de comparações", explica.

Segundo a especialista, o responsável pelo relatório da Fiocruz desconhece ainda que somente através de estudos clínicos prospectivos e sistematizados se chegam a estes resultados por ele mencionados. "Qual foi o número de crianças brasileiras inscritas neste estudo clínico da Leuginase? Os responsáveis assinaram os termos de consentimento para participação no estudo? Quais os critérios de toxicidade utilizados? Houve monitoria clínica? Nada disso está claro no relatório do Ministério da Saúde", disse.

A presidente do Boldrini destacou ainda a falta de um registro na Plataforma Brasil, sistema eletrônico criado pelo governo federal para o recebimento dos projetos de pesquisa, da aprovação por comitês de ética dos hospitais e ainda a ausência do registro na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). "Na qualidade de Professora de Medicina da **Unicamp** e como coordenadora dos Grupos de Estudos Clínicos da leucemia linfóide aguda da Criança (GBTLI) por 40



A farmacêutica do Boldrini Elaine Ramos com o medicamento Oncaspar, usado para tratamento de leucemia

anos, considero uma imperícia médica a prescrição de um medicamento desconhecido da literatura científica. Como pesquisadora clínica, julgo ser antiético usar as crianças brasileiras em estudos clínicos não aprovados pela Conep", reforçou. As análises feitas tanto pelo Instituto de Química, como pelo Boldrini, serão enviados ao Ministério da Saúde.

O **Correio** entrou novamen-

te em contato com a pasta para saber detalhes do teste realizado pela Fiocruz, mas não teve resposta ontem.

No começo do mês, o Centro Infantil Boldrini enviou um ofício em resposta ao Ministério da Saúde se defendendo da acusação de calúnia. A entidade foi acusada de agir de má fé no caso do remédio asparaginase, já que a entidade teria adulterado os frascos analisados pe-

lo Laboratório Nacional de Biociência (LNBio).

### Boldrini

Em sua defesa, o Boldrini diz que todos os frascos vieram lacrados da China e assim foram entregues ao laboratório dentro das caixas. O Boldrini ainda aponta 10 publicações científicas internacionais como fonte de prova de mais uma contradição quando o ministério diz

"A descrição é enganosa pois a técnica utilizada (pela Fiocruz) não permite a identificação das proteínas no estudo."

FABIO CESAR GOZZO

Diretor do Instituto de Química

que o asparaginase alemão da empresa MEDAC/Kyowa não possui estudos clínicos próprios. A última revisão sobre a eficácia do asparaginase no mundo, realizada em 2015, não cita o remédio chinês. Além disso, não há na literatura científica nenhum documento que comprove que o fármaco chinês funcione. Já o alemão é citado em revistas científicas internacionais.

O hospital se nega a usar o asparaginase chinês que o Ministério da Saúde está importando e se baseia em análises de laboratório que indicam que o remédio é tóxico. A União trocou o medicamento alemão pelo chinês porque o produto asiático é mais barato.